



## Tradução

### CONVERSAS SOBRE CASA (NO CENTRO DE DEPORTAÇÃO)

WARŠAN SHIRE

**JÚLIA CÔRTEZ RODRIGUES**

juliacortesrodrigues@gmail.com  
Universidade Estadual de Campinas  
<https://orcid.org/0000-0001-5056-1875>

SHIRE, Warsan. Conversations about Home (at the Deportation Center). In: *Our men do not belong to us*. New York: Slapering Hol Press, 2014

Bom, acho que minha casa me cuspiu fora, os apagões e toques de recolher que nem uma língua contra um dente molenga. Meu Deus, você sabe o quanto é difícil falar sobre o dia em que sua própria cidade te arrastou pelo cabelo, passando pela antiga prisão, pelos portões da escola, pelos corpos em chamas erguidos nos mastros feito bandeiras? Quando encontro outros como eu, reconheço a vontade, a saudade, a lembrança de cinzas em seus rostos. Ninguém deixa sua casa a não ser que a casa seja a boca de um tubarão. Eu estou carregando esse velho hino na minha boca por tanto tempo que não há espaço para outra música, outra língua, outro idioma. Eu conheço uma vergonha que envolve, que engole totalmente. Eu despedacei e comi meu próprio passaporte no hotel de um aeroporto. Estou estufada com um idioma que não tenho como esquecer.



\*

Eles me perguntam, como você chegou aqui? Você não vê no meu corpo?

O Deserto da Líbia vermelho com corpos imigrantes, o Golfo de

Áden inchado, a cidade de Roma sem casaco. Espero que

a viagem seja mais do que milhas, porque os meus filhos estão

na água. Eu achei que o mar fosse mais seguro do que a terra. Eu quero

fazer amor, mas meu cabelo tem cheiro de guerra e fugas e fugas. Eu

quero me deitar, mas esse país parece os tios que te tocam

quando você é jovem e dorme. Olhe pra todas essas fronteiras

espumando pela boca com corpos destruídos e desesperados. Eu sou

da cor do sol quente no meu rosto; os restos da minha mãe nunca

foram enterrados. Passei dias e noites no estômago de um caminhão; quando saí não era a mesma. Às vezes, parece que outra pessoa está

vestindo meu corpo.

\*

Eu sei que algumas coisas são verdade. Eu não sei pra onde vou,

de onde eu vim está sumindo, não sou bem-vinda e

minha beleza não é bela aqui. Meu corpo queima com

a vergonha de não pertencer; meu corpo é querer. Eu sou o pecado

da memória e a perda da memória. Assisto o jornal e minha

boca vira uma pia cheia de sangue. As linhas, as formas, as

pessoas nas mesas, os cartões telefônicos, o oficial de imigração,



os olhares na rua, o frio se instalando fundo nos meus ossos,  
as aulas de inglês à noite, a distância que estou de casa. Mas  
Alhamdulillah, tudo isso é melhor do que o cheiro de uma mulher  
inteira pegando fogo; ou um carregamento de homens parecidos com meu  
pai, arrancando meus dentes e unhas; ou catorze homens entre  
as minhas pernas; ou uma arma; uma promessa; uma mentira; o nome dele; sua  
masculinidade na minha boca.

\*

Eu escuto eles dizendo, *volta pra casa*; escuto eles falando, *imigrantes de merda*;  
*refugiados de merda*. Eles são assim tão arrogantes? Eles não sabem  
que a estabilidade é como um amante com doces lábios no seu corpo  
num instante e no outro você é um tremor deitada no chão  
coberta em escombros e moeda antiga esperando circular de novo.  
Só posso dizer que, eu já fui que nem você, a apatia, a pena; a  
posição ingrata; e agora minha casa é a boca de  
um tubarão, agora minha casa é o cano de uma arma. Vejo você  
do outro lado.

Conversations about Home (at the Deportation Center)

Well, I think home spat me out, the blackouts and curfews like  
tongue against loose tooth. God, do you know how difficult  
it is to talk about the day your own city dragged you by the



hair, past the old prison, past the school gates, past the burning torsos erected on poles like flags? When I meet others like me, I recognize the longing, the missing, the memory of ash on their faces. No one leaves home unless home is the mouth of a shark. I've been carrying the old anthem in my mouth for so long that there's no space for another song, another tongue, or another language. I know a shame that shrouds, totally engulfs. I tore up and ate my own passport in an airport hotel. I'm bloated with language I can't afford to forget.

\*

They ask me, How did you get here? Can't you see it on my body? The Libyan Desert red with immigrant bodies, the Gulf of Aden bloated, the city of Rome with no jacket. I hope the journey meant more than miles, because all my children are in the water. I thought the sea was safer than the land. I want to make love, but my hair smells of war and running and running. I want to lie down, but these countries are like uncles who touch you when you're young and asleep. Look at all these borders foaming at the mouth with bodies broken and desperate. I'm the color of hot sun on my face; my mother's remains were never buried. I spent days and nights in the stomach of the truck; I did not come out the same. Sometimes, it feels like someone else is



wearing my body.

\*

I know a few things to be true. I do not know where I am going, where I have come from is disappearing, I am unwelcome and my beauty is not beauty here. My body is burning with the shame of not belonging; my body is longing. I am the sin of memory and the absence of memory. I watch the news, and my mouth becomes a sink full of blood. The lines, the forms, the people at the desks, the calling cards, the immigration officer, the looks on the street, the cold settling deep into my bones, the English classes at night, the distance I am from home. But Alhamdulillah, all of this is better than the scent of a woman completely on fire; or a truckload of men who look like my father, pulling out my teeth and nails; or fourteen men between my legs; or a gun; or a promise; or a lie; or his name; or his manhood in my mouth.

\*

I hear them say, *go home*; I hear them say, *fucking immigrants*, *fucking refugees*. Are they really this arrogant? Do they not know that stability is like a lover with a sweet mouth on your body one second and the next you are a tremor lying on the floor covered in rubble and old currency waiting for its return.



All I can say is, I was once like you, the apathy, the pity, the ungrateful placement; and now my home is the mouth of a shark, now my home is the barrel of a gun. I'll see you on the other side.

**Tradução recebida em: 31 de janeiro de 2020**

**Tradução aceita em: 15 de maio de 2020**